

UMA PERSPECTIVA DISCURSIVO-ERGOLÓGICA PARA ANALISAR A ATIVIDADE DE TRABALHO

A DISCURSIVE-ERGOLOGICAL PERSPECTIVE TO ANALYZE WORK ACTIVITY

Fábio Carlos de Mattos da Fonseca¹

Marcella Machado de Campos²

RESUMO: Objetivamos apresentar uma perspectiva de intersecção entre parte dos princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa e da abordagem multidisciplinar da Ergologia para investigar as complexidades que envolvem uma atividade de trabalho. Demonstramos, pela análise de um corpus, em que medida o conceito de embreagem enunciativa (MAINGUENEAU, 2000, 2013) relaciona-se com a noção ergológica de graus de aderência e desaderência (SCHWARTZ; DURRIVE, 2003, 2010). Com isso, visamos não à sistematização meramente abstrata, mas, antes, à instrumentalização dessas formulações para que possam ser acessadas e postas em prática quando da aproximação da atividade laboral.

Palavras-chave: análise do discurso; ergologia; atividade de trabalho.

ABSTRACT: We aim to present an intersectional perspective between some of the theoretic-methodological principles of the French Discourse Analysis and the multidisciplinary approach of Ergology to investigate the complexities that encompass a work activity. We will demonstrate, through the analysis of a corpus, to what extent the enunciative clutch concept (MAINGUENEAU, 2000, 2013) relates to the ergological notion of adhesion and deadhesion degrees (SCHWARTZ; DERRIVE, 2003, 2010). With this, we don't aspire to a merely abstract systematization, but rather to an instrumentalization of these formulations so they can be accessed and acted upon when approaching the work activity.

Keywords: discourse analysis; ergology; work activity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Doutorando, bolsista CNPq, PUC-SP.

² Doutoranda, PUC-SP.

Este artigo é um desdobramento de uma comunicação apresentada em parceria pelos autores no *V Colóquio da ALED — Análise do Discurso: novos canteiros de trabalho?*, realizado entre os dias 29 e 31 de maio de 2014, na Universidade Federal de São Carlos. Naquela oportunidade, tendo-se em vista o eixo temático “Discurso e novos diálogos teórico-metodológicos”, no qual a referida comunicação se inscreveu, nosso objetivo primeiro foi debater uma dentre as várias perspectivas possíveis de intersecção do arcabouço teórico da Análise do Discurso francesa (doravante AD) e da abordagem multidisciplinar de cunho filosófico particularizada pela Ergologia, cujas especificidades veremos em seguida. O intuito era analisar a complexidade que envolve uma atividade de trabalho e as dramáticas que dela surgem. Agora, temos a oportunidade de explicitar com maior riqueza de detalhes os conceitos que sustentam e justificam tal objetivo.

Para fins de contextualização da proposta, vale destacar o papel primordial exercido pelo grupo de pesquisa do qual os autores fazem parte e em cujo seio se fundam caminhos para a apreensão de questões laborais que, se não estivessem sob a ótica da linguagem, escapariam em averiguações de outra ordem. Filiado à linha de pesquisa “Linguagem e Trabalho” do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, o Grupo Atelier se caracteriza, dentre as suas facetas, pela ênfase dada à análise das práticas de linguagem em situação de trabalho por meio do imbricamento das noções da AD e da Ergologia. Esse fato caracteriza os seus pesquisadores como analistas do discurso-ergólogos, reivindicando para si, pois, uma designação que necessariamente inclui as visões de sujeito e língua de ambos os pressupostos. Desta monta, as pesquisas do Grupo avançam pelo tensionamento de princípios que se prestam a este papel mesmo, o de serem colocados à prova, (co)localizados e renormalizados de acordo com as circunstâncias sócio-históricas e os fins acadêmicos a que se propõem. Pelo seu caráter contemporâneo e ainda pouco

explorado no Brasil, se faz necessário, aqui, abrir um parêntese para explicar, ainda que em linhas gerais, em que consiste a Ergologia. Oriunda da Ergonomia da Atividade, trata-se de um modelo teórico-metodológico inovador, formulado no início da década de 1980 por Schwartz e equipe, aborda a atividade humana partindo de um discernimento mais abrangente do trabalho em comparação à percepção mecanicista do agir técnico. Calcada no preceito de que a atividade laboral é “um impulso de vida e de saúde sem limite predefinido que perpassa o que diferentes disciplinas têm apresentado em separado, como o corpo e o espírito, o individual e o coletivo, o privado e o profissional, o fazer e os valores, o imposto e o desejado, etc.” (SCHWARTZ, 2010, p. 19), a Ergologia se dispõe à investigação intelectual na implicação de um espaço epistemológico e um pensamento de historicidade, uma ética e uma política, um funcionamento sinérgico dos saberes disciplinares e um problema de produção do saber.

EMBREAGEM ENUNCIATIVA E PLANOS DA ENUNCIACÃO

Falar de embreagem enunciativa significa considerar que toda enunciação deixa um rastro, as marcas linguísticas a partir das quais ela mesma se realiza. Dito de outro modo, “os enunciados tomam como ponto de referência o próprio acontecimento enunciativo do qual são o produto” (MAINGUENEAU, 2013, p. 126). Não são, no entanto, todos os traços desse acontecimento que interessam, mas os que delimitam a situação de enunciação: enunciador e coenunciador, o momento e o lugar da enunciação. Portanto, será possível (ou não, a depender do plano de enunciação) identificar nos enunciados os vestígios desses elementos. Unidades como, por exemplo, *eu, me, meu* e outras possibilitam situar o enunciador; *tu, teu, você*, etc., o coenunciador; *aqui, lá* e seus equivalentes, o lugar; *agora, hoje, ontem* e análogos, o momento da enunciação. É preciso observar ainda que as categorias de enunciador e

coenunciador, para retomar uma fórmula de Émile Benveniste (1989), circunscrevem o universo da *pessoa* em oposição ao que se entende por *não pessoa*. Se, por um lado, toda enunciação pressupõe, a despeito das evidências linguísticas, um par EU-VOCÊ, ou seja, os coenunciadores, por outro, ela remete aos elementos de “terceira pessoa”, designadores do referente da enunciação. Os enunciados podem, além disso, apresentar “marcas de modalidade que indicam a atitude do enunciador em relação ao seu enunciado ou a seu coenunciador” (MAINGUENEAU, 2013, p. 128).

Abordar, no entanto, a embreagem enunciativa nos termos até aqui colocados não resolve muita coisa. É preciso associá-la aos contextos comunicativos em que se manifesta. Sendo assim, “conforme a relação que se estabelece entre o enunciado e a situação de enunciação” (MAINGUENEAU, 2013, p. 135), será possível referir a dois planos distintos: o *embreado* e o *não embreado*. O embreado é tratado como aquele em que os enunciados comportam embreantes (marcas do par interlocutivo, do tempo e do lugar da enunciação. Conforme especificados anteriormente, esses dois últimos são também denominados dêiticos). Já o não embreado, aparentemente destacado da situação de enunciação, corresponderá aos enunciados em que tais marcas não estejam presentes. A grande maioria dos enunciados constitui planos embreados, no entanto, a desembreagem enunciativa compõe um conjunto de textos de extrema relevância, constitutivos de “universos autônomos”.

De modo resumido, portanto, podemos falar de plano embreado quando da ocorrência de enunciados que se organizam a partir de uma ancoragem na situação de enunciação. Por outro lado, o plano não embreado compreenderá enunciados que se constituem em ruptura com a situação de enunciação, caracterizado por um jogo de remissões internas ao texto.

GRAUS DE ADERÊNCIA E DESADERÊNCIA DOS SABERES SOBRE O TRABALHO

Noção relativamente nova no âmbito da Ergologia, os graus de aderência e de desaderência se definem por uma determinada relação com os saberes que permeiam a atividade de trabalho. Ao polo da aderência corresponde o lugar cativo das circunstâncias irrepetíveis vividas no aqui e agora que dão forma aos saberes chamados investidos. Já o polo da desaderência estaria apartado dos acontecimentos situados, tangenciando, logo, os saberes ditos constituídos que se vinculam às prescrições e às coerções em uma conjuntura laboral que aspira à máxima antecipação como um ideal a ser perseguido, na tentativa de minimizar problemas em potencial que, em última análise, comprometem o desempenho da mão de obra. Partindo-se de uma perspectiva que coloca a linguagem no bojo daquilo que se pretende estudar, a pertinência de se adotar os polos aderente e desaderente como mecanismos para que se averigue como se dá a gestão que o trabalhador faz dos saberes que possui com respeito à sua própria atividade laboral é legitimada pela materialidade linguística produzida por esse mesmo trabalhador ao tratar, com maior ou menor grau de aproximação ou de distanciamento, do seu ofício. É, portanto, na manifestação linguageira sobre o trabalho que emerge com a fala do profissional em questão que a relação que ele estabelece com sua atividade e o contexto sócio-histórico no qual está inserido vêm à tona.

Para exemplificar como isso ocorre, tomaremos de empréstimo da dissertação intitulada “O que os olhos não veem, o coração sente: dramáticas do tradutor técnico”, cujo objetivo era tecer comentários sobre a condição de trabalho atual do tradutor técnico no Brasil, excertos que constituíram seu corpus. Esse trabalho contemplou a atividade da tradução como uma dramática laboral em que o profissional é continuamente convocado a fazer escolhas e a arbitrar sua gestão segundo valores distintos e, por vezes, contraditórios. Para se acercar do objeto de estudo, a abordagem metodológica proposta foi viabilizada por meio de um questionário, submetido a tradutores voluntários, como forma de sugerir uma reflexão sobre o que

esse profissional faz e como o faz com o intuito de proporcionar uma maior conscientização sobre si mesmo como trabalhador. Aqui, analisaremos algumas das respostas desses tradutores à pergunta “Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?”, a fim de acessar os saberes que circulam sobre sua atividade laboral, conforme veremos a seguir.

CORRESPONDÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS: POR UMA ARTICULAÇÃO ENTRE ESTUDOS DO DISCURSO E ESTUDOS DO TRABALHO

Se é verdade o que afirmamos, ou seja, que a materialidade linguística constitui uma via de acesso aos saberes do trabalhador sobre sua atividade, devemos estabelecer de modo claro os pontos de articulação possíveis entre as duas teorias de que lançamos mão. Nossa visão acerca da abordagem ergológica e da AD nos permitiria, assim, traçar um paralelo entre ambas, em especial a partir dos conceitos mobilizados para este artigo. Entendemos que em se tratando de planos enunciativos e de polos da (des)aderência estará em jogo uma noção fundamental: a de atividade. Seja no processo comunicativo, seja no laboral, a atividade é um processo incontornável, enunciar é pôr-se em atividade; trabalhar também o é. Os eixos de contato parecem não parar por aí. Tanto do ponto de vista dos planos da enunciação quanto dos polos da aderência e da desaderência, é pelo modo de relação com a situação/atividade que os contornos se delineiam. Os planos enunciativos se definem por uma dada articulação com a situação (atividade) de enunciação; os polos da aderência e da desaderência, por seu turno, levam em conta uma dada articulação com a atividade (situação) de trabalho. O jogo de palavras aqui nada possui de fortuito.

Portanto, se a enunciação remete ou não a uma situação de que ela mesma participa, também os polos da aderência/desaderência estão imbricados ou não na atividade de trabalho. Todo esse vai-e-vem nos permite, ao que parece, traçar pontos

em comum entre os conceitos que discutimos e com os quais trabalhamos. Tanto o plano embreado quanto o polo da aderência remetem, acreditamos, à instância do local, indissociável do contexto imediato de que são parte; trata-se da esfera do *hic et nunc* a partir da qual tanto os enunciados quanto os saberes tomam forma e sentido. No que tange ao plano desembreado e ao polo da desaderência, os “universos autônomos” a que ambos se referem os lançam para o âmbito não do local, mas do global, não do contextualizado, mas do descontextualizado. O quadro que segue se propõe a uma síntese do que foi discutido nesta seção:

Planos da enunciação	Polo da (des)aderência
Definem-se por uma dada relação com a situação (atividade) de enunciação	Definem-se por uma dada relação com a atividade (situação) de trabalho
Enunciação — Situação de enunciação	Trabalho — Atividade de trabalho
Local — global	
Contextualizado — descontextualizado	

APROXIMAÇÃO DOS SABERES SOBRE O TRABALHO

Resta-nos agora avaliar em que medida nossas reflexões acerca das teorias, conceitos e noções mobilizadas nos auxiliam a alcançar o nosso objetivo, ou seja, ter acesso aos saberes sobre a atividade do tradutor que circulam por meio dos discursos do profissional da área. Para tanto, selecionamos três enunciados sobre os quais tecemos comentários:

(1) “Eu diria de forma exagerada que a profissão chega a ser mística, pois a sociedade em geral não faz ideia de que um texto que aparece timidamente por alguns

segundos na tela da TV exige muito raciocínio, interpretação e esforço de quem o traduziu.”

(2) “Muitas pessoas não fazem ideia de que tal contrato em português foi originalmente escrito em norueguês, traduzido para o inglês e traduzido de novo para o português.”

(3) “Há um conceito geral bastante equivocado de que o trabalho do tradutor seja temporário ou até mesmo uma ‘distração’ ou ‘diversão’.”

Os fragmentos selecionados, entendemos, permitem articular os planos enunciativos e os polos da aderência e da desaderência. O emprego da 1ª pessoa no fragmento (1) materializa um enunciador que se mostra no fio de seu próprio enunciado; em seguida, o modalizador “de forma exagerada” manifesta um posicionamento avaliativo desse mesmo enunciador sobre sua própria fala. Esses traços evidenciam uma enunciação ancorada na situação de enunciação, haja vista principalmente a presença do embreante, a marca “pronominal”. Não é suficiente, no entanto, apenas destacar tais marcas sem pôr em relevo o quadro discursivo que se descortina a partir de tais enunciados. O enunciador que diz *eu* se opõe a uma *não pessoa* a que sua própria enunciação se refere: “a sociedade em geral”. A este coletivo, não muito bem definido, é verdade, está atribuída determinada visão sobre o ofício do tradutor. Essa visão, em desaderência com a atividade de trabalho, só pode significar para o enunciador, que enuncia em certo grau de aderência, uma fonte de equívocos. Isso se dá por ela desconsiderar, descontextualizada que é a sua perspectiva, a existência “por trás” dos poucos segundos de texto traduzido para um programa de TV qualquer, de todo um trabalho de “raciocínio, interpretação e esforço de quem o traduziu”.

Os fragmentos (2) e (3), ao contrário do anterior, revelam enunciados desembreados. No entanto, no que diz respeito ao debate entre saberes, neles nada há

de diferente. Há um total apagamento do enunciador, o qual passa a enunciar a partir da *não pessoa*, cuja evidência está nos grupos nominais e nos verbos a eles associados: (a) “*Muitas pessoas não fazem ideia*” e (b) “*Há um conceito geral bastante equivocado*”. Chama-nos a atenção, ainda, o fato de que nestes enunciados haja certa polifonia, um jogo de vozes/discursos, que mais uma vez põe em confronto saberes aderentes e desaderentes. O trecho (a) é polifônico porque uma negação dessa natureza pressupõe uma afirmação subjacente: há os que fazem ideia do que seja a atividade do tradutor. Do mesmo modo, apesar do apagamento (ou tentativa de) do enunciador, é possível ver no adjetivo “equivocado” — trecho (b) — a sua evidência, que também remete a um embate de crenças sobre a atividade do tradutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base naquilo a que nos dispusemos articular e retomando os exemplos debatidos anteriormente, parece válido pontuar o que convencionamos chamar de duas regularidades discursivo-ergológicas. Uma delas trata dos saberes sobre a atividade de trabalho em aderência, que podem transitar tanto pela embreagem quanto pela desembreagem enunciativa, posto que, ao falar sobre seu ofício, o trabalhador manifesta não só sua própria visão e conhecimento acerca da sua prática laboral, como também convoca a perspectiva de outros para, no mais das vezes, corroborar seu ponto de vista. A outra, contudo, se refere a um saber sobre a atividade de trabalho em desaderência que passa, necessariamente, pela desembreagem enunciativa, tendo em vista que, em uma dimensão descontextualizada do que ocorre no real da atividade, é possível fazer apenas generalizações sobre o trabalho, como se o profissional em questão não estivesse em constante debate de valores e tampouco houvesse dramáticas a serem administradas. E ainda que tais dramáticas estejam para além da materialidade linguística, gostaríamos de poder afirmar que, por meio do par

situação de enunciação/atividade de trabalho, é no emprego das pessoas do discurso de que o trabalhador se vale que se substancializam vestígios reveladores de toda a sorte de complexidades envolvidas no desempenho da prática laboral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1989.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. [2004] Coord. da tradução: Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DE CAMPOS, M. M. *O que os olhos não veem, o coração sente: dramáticas do tradutor técnico*. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. [2000] Tradução: Maria Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6ª ed. Ampliada. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

_____. *Termos-chave da Análise do Discurso*. [1998] Tradução: Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. [2003] Coord. da tradução: Jussara Brito e Milton Athayde. 2ª edição. Niterói: EdUFF, 2010.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. Quais as contribuições da linguística aplicada para a análise do trabalho? In: FIGUEIREDO, M. et al. (Orgs.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2004. p. 188-213.

Submetido em: 14/09/2014

Aceito em : 20/10/2014